
UMA SOLIDÃO NECESSÁRIA À ORDEM SALAZARISTA: A FAMÍLIA COMO TERAPÊUTICA NACIONAL

Moisés de Lemos Martins

O discurso salazarista habita uma região mítica onde não se trata tanto de fabricar *saber legal* (suposto independente das crenças) como de especializar e de alguma maneira funcionalizar as crenças, ou seja, "produzir o real" - operação a que Michel Foucault chama "normalização" (1).

A disciplina salazarista faz assim funcionar um poder relacional, o poder da crença, que se mantém de pé pelos seus próprios mecanismos, e que à rutilação e à exuberância das manifestações de soberania prefere o jogo ininterrupto de olhares calculados. Ela segrega um aparelho de controlo que funciona como um microscópio dos comportamentos. As divisões analíticas que realiza formam um aparelho de observação, de registo e de exercício que, na base de uma relação de fé, vincula os indivíduos aos objectivos da *unidade* e da *recta razão*, propostos pelo que nós passamos a chamar de dispositivo ético.

Pelo efeito dos seus mecanismos disciplinares, tal dispositivo reenvia permanentemente da política à religião, e desta à política. Se por um lado toda a razão não ordenada à natureza humana é "heresia" (2), por outro, aquilo que não respeita o "simples bom senso" de uma "recta razão" (3) é da ordem da violência, do caos, da indisciplina política.

A disciplina salazarista, essa mecânica da "moral" e do "direito", tem assim por função prevenir todas as anormalidades: a da *doença* que se transmite quando os corpos se misturam (a fragmen-

tação nacional - violência dos órgãos, luta das funções, confusão dos interesses) (4); a do *mal* que se multiplica quando os valores da Pátria se apagam (a irracionalidade) (5); e a da *apostasia* certa quando a nação não obedece à sua razão nem à sua natureza (as necessidades ilusórias e as tendências viciosas) (6). Contra a fragmentação que é *mistura*, a disciplina ética faz valer o seu poder de *análise*. Sob as espécies de um funcionamento que toma o seu duplo modo de separação binária e de inscrição de uma marca (saúde/doença, unidade/fragmentação, recta razão ou simples bom senso/irracionalidade, necessidade real/necessidade ilusória, tendência virtuosa/tendência viciosa), as técnicas da disciplina ética determinam separações múltiplas, distribuições individualizantes, uma organização em profundidade, vigilâncias e controlos, uma intensificação e uma ramificação do poder.

Pelo mecanismo tático de uma atomização do espaço e dos corpos, a disciplina salazarista tende a anular simultaneamente os efeitos das divisões irracionais (os conceitos de cidadão abstracto, de trabalhador-máquina, de luta de classes), a utilização incontrolada dos indivíduos na produção (homens, mulheres e crianças) (7), a sua concentração anárquica e malsã ("a alta civilização actual" (8)). A divisão celular responde à necessidade de conhecimento, de controlo e de utilização política e económica dos indivíduos. Trata-se de poder vigiar permanentemente a conduta de toda a gente, apreciá-la, sancioná-la, medir-lhe as qualidades e os méritos.

É deste modo que nasce a "casa portuguesa" (9). Ela deve responder à necessidade de vigiar, de romper com as comunicações perigosas, e deve criar também um espaço útil. A geometria simples e económica de uma casa da *certeza crente* (a pequena casa familiar), substitui as casas pesadonas da *segurança laica* (os "falanstérios" colossais), com uma arquitectura de fortaleza.

Era preciso com efeito romper a segurança laica "dos grandes falanstérios, das colossais construções para habitação operária, com seus restaurantes anexos e a sua mesa comum" (10). E entretanto, a "intimidade", o "aconchego", o "isolamento", representados pela "posse material de um lar", de uma "casa pequena, independente, habitada em plena propriedade pela família" (11), constituem a solidão necessária a uma análise disciplinar. A intimidade e o isolamento constituem o espaço analítico organizado pela disciplina ética para o conhecimento, o domínio e a utilização dos indivíduos.

São conhecidas as razões da atomização disciplinar salazarista. O trabalho moderno e a vida na fábrica tinham-se tornado pontos de encontro de misturas perigosas, entroncamentos de circulações interditas. Trabalhando na fábrica, o homem corria o risco de se rebelar, de militar num sindicato revolucionário, de aderir a ideias políticas malsãs. A família cabia, pois, a terapêutica do homem doente e irracionalizado. Nesse sentido, devia constituir-se em filtro, em dispositivo que prendesse e separasse. Por cima da mobilidade que era a vida na fábrica, por cima do ruído de revolta que fermentava a vida industrial, a família devia assegurar uma hegemonia,

assinalando e enxotando a confusão da doença e do mal (a fragmentação e a irracionalidade).

A fragmentação e a irracionalidade! Tomemos um exemplo: "O trabalho da mulher fora do lar desagrega este, separa os membros da família, torna-os um pouco estranhos uns aos outros. Desaparece a vida em comum, sofre a obra educativa das crianças, diminui o número destas; e com o mau ou impossível funcionamento da economia doméstica, no arranjo da casa, no preparo da alimentação e do vestuário, verifica-se uma perda importante, raro materialmente compensada pelo salário percebido" (12).

É pelo isolamento celular que a mulher vai então escapar às más influências, regressar ao lar e aí redescobrir "o caminho do bem". O trabalho solitário torna-se um exercício tanto de conversão como de aprendizagem. Não se trata unicamente de reformar o jogo de interesses próprios ao *homo oeconomicus*. Trata-se também dos imperativos do sujeito moral. A célula familiar torna-se o instrumento pelo qual se pode reconstituir, a um tempo, o *homo oeconomicus* e a consciência religiosa (o direito e a moral, mais uma vez).

A mística da intimidade do lar vai assim constituir a família como filtro (que disciplina e controla) e, nessa medida, como factor de normalização. Organizando a *célula* familiar, os *lugares* (do homem, da mulher e da criança) e as *hierarquias* que determinam a separação dos membros da família de acordo com as tarefas e os exercícios específicos, a disciplina ética fabrica um espaço complexo. Ela estabelece um espaço simultaneamente *arquitectural* (casa pequena e simples); *funcional*, pelo alinhamento obrigatório dos membros da família segundo o sexo; enfim, um espaço *hierárquico*, pela atribuição dos lugares de autoridade.

Ao mesmo tempo, a mística de uma vida no lar, no doce "aconchego do lar" e nas virtudes criadas e alimentadas pela sua intimidade (13), articula-se com a "disciplina do minúsculo" (uma observação minuciosa do detalhe, e simultaneamente uma valorização política das pequenas coisas). Poder-se-á então dizer que como boa dona de casa ("quando realmente sabe, é inteligente, trabalhadora e zelosa"), "a mulher emprega no seu pequeno mundo familiar os mesmos princípios de economia, de moderação no gastar e de aproveitamento das pequenas coisas que já notámos como segredo da indústria - restos de comida, aparas de hortaliça, pratos arranjados com outros que não serviam já, farrapos que servem para um tapete, pedaços de panos para qualquer coisa e roupa transformada, como fazia aquela mãe que mandava a um filho umas calças novas feitas dumas velhas do pai, e pedia-lhe que lhas devolvesse depois de usadas, para fazer outras novas para um irmão mais pequeno" (14).

A racionalização utilitária do detalhe consiste, na verdade, numa dissociação da acção global em três séries paralelas: a das tendências virtuosas a pôr em jogo (esperteza, inteligência, trabalho e atenção), a das necessidades reais (entre outras, comer, vestir-se e cuidar da casa), e enfim a dos objectos manipulados (restos de refeições, aparas de hortaliças, farrapos, etc.).

Esta codificação põe as séries em correlação e fixa-lhes a sequência obrigatória, de maneira a que cada uma ocupe um lugar determinado. São prosseguidos então os objectivos da promoção da vida comum e da economia doméstica (ou seja, os objectivos de unidade e de simples bom senso, propostos pelo dispositivo ético no sentido de preservar a "saúde" do corpo familiar).

Aí está uma sintaxe obrigatória. Por toda a superfície de contacto entre o corpo e o objecto manipulado, a disciplina ética vem introduzir-se, amarra-os um ao outro de acordo com os controlos minuciosos do poder. O poder faz-nos crer, na verdade, que há mais do que um corpo-instrumento, mais do que um corpo-máquina. Ele faz-nos acreditar que há sobretudo um corpo inteligente, esperto, trabalhador e atento. Ou seja, o poder faz-nos acreditar que a exactidão (a atenção e a moderação nas despesas), a aplicação e a regularidade (a mística do refúgio do lar) são as virtudes fundamentais da vida familiar e, generalizando, do corpo nacional.

A regulamentação imposta pelo poder disciplinar ético é ao mesmo tempo a lei de construção da operação persuasiva. O poder introduz um mecanismo de sedução relacionado com a disciplina ética: a mística dá intimidade do lar articula-se com a disciplina do minúsculo. Pequenas coisas mas grande fervor (atenção e zelo). Pequenas coisas mas grande ardor no trabalho, grandes atitudes de esperteza e de inteligência, e como consequência, grandes recompensas, nomeadamente "prodigiosas economias" (15).

A tecnologia disciplinar salazarista faz de facto funcionar o espaço familiar como um aparelho de produção (de aprender a produzir e a consumir), mas também como um aparelho de controlo, de hierarquização e de compensação. Atribuindo lugares individuais, uma tal tecnologia tornou possível o controlo de cada indivíduo e o trabalho simultâneo de todos. Quer dizer, a racionalização utilitária do detalhe constitui-se em fundamento de uma contabilidade moral e de um controlo político. A utilização vantajosa das pequenas coisas tornou-se a *necessidade real* de um corpo que se dá como *tendência virtuosa* o refúgio de uma vida independente na intimidade do lar.

A pirâmide disciplinar salazarista produziu a celulazinha do poder familiar, no interior da qual a separação, a coordenação e o controlo das tarefas foram impostos e tornados eficazes. Por outro lado, a atomização analítica do tempo, dos gestos, das energias corporais, constitui um esquema operatório que facilmente pode ser transferido dos indivíduos aos mecanismos da produção da crença (quer esta seja de objectos económicos, políticos ou morais). Sintetizando, podemos dizer que a manipulação calculada dos indivíduos, através de formas de coacção, de esquemas de constrangimento aplicados e repetidos, é o resultado de uma tecnologia que entende curar toda a doença e todo o mal pela acção física e moral.

Aparelho de produção (de objectos físicos e morais), a família responde assim a vários imperativos: tornar os corpos racionais (exigência de saúde); obter indivíduos competentes, no que respeita à economia doméstica (exigência de qualificação); formar nacionalis-

tas obedientes, funcionando como filtro (exigência política); prevenir a devassidão, a licença dos costumes, etc. (exigência moral).

Entre o mal moderno das misturas perigosas e das circulações proibidas, e o regresso ao direito e à virtude, a célula familiar constitui um "espaço entre dois mundos", um lugar de transformações individuais que restituem à vida (à unidade e à recta razão) os indivíduos que a perderam.

Estendamos este processo de contabilidade moral e de controlo político ao conjunto do corpo nacional. Será pela utilização vantajosa das pequenas coisas, no interior do refúgio da sua organização corporativa, que a nação vai garantir a sua "saúde", o seu "feitio independente" e a sua "simplicidade morigerada" (16).

NOTAS

- (1) Cf. Michel Foucault, *Surveiller et Punir*, Paris, Gallimard, 1975, p. 185. Ver também *Ibid.*, p. 196.
- (2) Cf. Oliveira Salazar, *Discursos*, I, Coimbra, Coimbra Ed., 1935, p. 308.
- (3) *Ibid.*, pp. 10-11, 112, 193, 195-196, 198, 209.
- (4) *Ibid.*, pp. 189 ss.
- (5) *Ibid.*, p. 210.
- (6) *Ibid.*, pp. 193 ss.
- (7) *Ibid.*, pp. 190-191.
- (8) *Ibid.*, p. 202.
- (9) A "casa portuguesa", pequena e humilde casa familiar, desempenhou um papel importante na objectivação progressiva e na análise cada vez mais detalhada dos comportamentos individuais.
- (10) Oliveira Salazar, *op. cit.*, p. 202.
- (11) *Ibid.*
- (12) *Ibid.*, pp. 200-201.
- (13) Oliveira Salazar, "Duas economias", em *Estudos*, 71, Março de 1928, p. 593.
- (14) *Ibid.*, p. 591.
- (15) *Ibid.*, p. 589.
- (16) Oliveira Salazar, *Discursos*, I, p. 202.

RESUMO

Na especificação das técnicas de controlo e de vigilância que percorrem a ideologia salazarista, tem lugar preponderante o mecanismo da fixação da crença. "Crer é antes de mais aquilo que nos faz andar"; a partir da crença está-se pronto a agir - a obedecer, por exemplo.

A "tecnologia da patriotização", esse conjunto de técnicas e de tácticas que constituem a ideologia salazarista, constrange com efeito a um percurso místico. Pela passagem da fragmentação à racionalidade, da degeneres-

cência à regeneração, da mentira à transparência, trata-se de indicar à nação uma geografia de lugares salvíficos.

Neste percurso místico, procurámos mostrar a função desempenhada pela família. Na medida em que assinala e enxota a confusão da doença e do mal (a fragmentação e a irracionalidade) ela constitui a solidão necessária à análise disciplinar salazarista.

Terapêutica do homem doente e irracionalizado, vemos então o espaço familiar responder a vários imperativos: tornar os corpos racionais (exigência de saúde), obter indivíduos competente, na economia doméstica (exigência de qualificação), formar nacionalistas obedientes (exigência política), prevenir a devassidão, a licença dos costumes, etc. (exigência moral).

Analísámos, por fim, a articulação da mística da intimidade do lar com a disciplina do minúsculo.

RÉSUMÉ

Dans la spécification des techniques de contrôle et de surveillance qui traversent l'idéologie salazariste, le mécanisme de la fixation de la croyance a une place prépondérante: "Croire c'est tout d'abord ce qui fait marcher"; à partir de la croyance on est prêt à agir - à obéir, par exemple.

La "technologie de la patriotisation", cet ensemble des techniques et des tactiques constituant l'idéologie salazariste, oblige en effet à un parcours mystique. A travers le passage de la fragmentation à la rationalité, de la dégénérescence à la régénération, du mensonge à la transparence, une géographie de places salvatrices est signalée à la nation.

Nous avons essayé de montrer la fonction jouée par la famille dans ce parcours mystique. Signalant et exorcisant la confusion de la maladie et du mal (la fragmentation et l'irracionalité), elle constitue la solitude nécessaire à l'analyse disciplinaire salazariste.

Thérapeutique de l'homme malade et irrationnel, l'espace familial va donc répondre à des impératifs différents: rendre les corps rationnels (exigence de santé), obtenir des individus compétents dans l'économie domestique (exigence de qualification), former des nationalistes obéissants (exigence politique), empêcher la débauche, la licence des mœurs, etc. (exigence morale).

Nous avons enfin analysé l'articulation de la mistique de l'intimité avec la discipline du minuscule.

ABSTRACT

For the specification of the techniques for control and vigilance which roam about Salazar ideology, the mechanism of belief has a predominant place: "To believe is, above all, what makes us walk", if we believe we are ready to act - to obey, for example.

The "technology of patriotization", the set of techniques and tactics which form Salazar ideology, constrain in fact a mystic way. Through the passage from fragmentation to rationality, from degeneration to regeneration, from lie to transparency, it means to indicate to the nation a geography of places for redemption.

In this mystic way we tried to show the role of the family. As it indicates and expels the confusion of illness and of evil (the fragmentation and the irrationality), it forms the necessary solitude for Salazar disciplinary analysis.

Being the therapeutics of the ill and irrationalized man, the family space answers various imperatives: to make the bodies be rational (exigence of health), to obtain competent individuals for the domestic economy (exigence of qualification), to form obedient nationalists (political exigence), to prevent debauchery, the licence of manners, etc. (moral exigence).

We have analysed, at last, the articulation of the mystics of home intimacy with the discipline of minuscule.